

A Universidade Católica no contexto da cultura contemporânea — identidade e missão de um projecto

Introdução

1. Tem-se intensificado, ultimamente, em todos os países europeus a reflexão em torno do ensino universitário. Na base desta reflexão estão algumas preocupações oriundas de críticas importantes: que a universidade não prepara de modo adequado o estudante para o seu papel futuro na sociedade, que os cursos estão sobrecarregados, que o ensino é demasiado enciclopédico. As críticas orientam-se para o carácter de *transmissão* dos conhecimentos ministrados nas instituições universitárias; sente-se, cada vez mais fortemente, a exigência de tornar o ensino mais *formativo*. Esta exigência vem de campos opostos: de um lado, há quem defenda o restabelecimento do carácter *formativo* do ensino universitário para, assim, aproximar a universidade das justificadas expectativas da sociedade; de outro lado, há quem defenda uma *educação* que possa dar ao futuro cidadão as bases de uma distância crítica em relação às expectativas sociais. Apesar desta oposição, os dois campos estão de acordo quanto ao facto de a vocação da universidade poder realizar-se através da integração da *investigação* e do *ensino*, objectivos intrínsecos à própria *ideia* de universidade. Já von Humboldt, aquando da fundação da universidade de Berlim, em 1810, considerava como constitutiva da ideia de universidade a coincidência da investigação e do ensino; é sobre esta coincidência que a universidade funda a sua capacidade de formação do indivíduo e da

sociedade; sob o influxo da pressão social, as universidades redescobrem, hoje, esta ideia ao redescobrirem *as possibilidades educativas* da investigação.

2. A ideia de universidade de von Humboldt tem as suas raízes filosóficas em Kant e em Schelling; von Humboldt retira de Kant o objectivo da *investigação científica*; de Schelling recolhe o pensamento do *carácter educativo* desta investigação. É sobre estes dois eixos que von Humboldt constrói a *ideia* de universidade, ideia que, através da sua investigação livre e desinteressada, do seu *serviço à verdade*, pelo seu distanciamento em relação aos *interesses* da sociedade, sirva esta mesma sociedade. Por isso, na universidade contemporânea, só a *verdade* deve ser privilegiada, uma vez que só ela torna o homem livre e só ela permite iluminar a vida do homem como único caminho para a construção de uma civilização onde o homem encontre o sentido para a sua existência; a realidade do homem e da história que interpela a inteligência e a liberdade tornou-se cada vez mais complexa no mundo contemporâneo. Na cultura do nosso tempo são cada vez mais numerosos aqueles que reduzem a *verdade* e a *visão do homem e do mundo* ao horizonte restrito da ciência, com consequências inevitáveis para a identificação do sentido da vida e para o universo ético da ordem de valores que dinamiza a existência. Perdida a unidade harmónica do saber, torna-se urgente a colaboração de todas as ciências numa compreensão vivida do mistério do homem e do mundo, indo ao encontro da *sabedoria* enquanto síntese originária de sentido para a vida. É neste horizonte que se situa o papel fundamental da universidade, hoje, competindo-lhe responder aos desafios tecnológicos, políticos, económicos e sociais do tempo presente. Na busca da unidade e da harmonia exigidas pela verdade e pela sabedoria, no respeito pela diversidade dos saberes, compete, hoje, à universidade uma função primordial de intervenção. Perante a complexidade do real e a dificuldade em o captar numa atitude harmónica e iluminadora, perante o triunfalismo da subjectividade que, numa perspectiva antropocêntrica mal compreendida, fez tantas vezes da subjectividade individual o ponto de referência último do sentido das coisas, surge com actualidade a questão da *verdade*. Construir a verdade e buscar a sabedoria é o objectivo central da universidade; se a universidade se desviar deste objectivo, perderá a sua razão de ser, pois é a partir dele que nasce uma forma de vida intersubjectiva-

mente partilhada pelos membros que a integram, enquanto instituição e enquanto centro motivador e aglutinador de esforços e de desafios culturais.

3. Segundo K. Jaspers, a ideia de universidade remete, por si, para os princípios culturais segundo os quais se constituem *todas* as configurações do *espírito objectivo*, afirmando que «só quem traz em si a *ideia* da universidade pode pensar e agir de forma adequada em prol da universidade». Para que a universidade se mantenha viva, exige-se, por isso, uma permanente renovação crítica da *ideia* por que se rege. Há que encontrar permanentemente novas formas para a universidade, à luz de *ideias renovadas*, numa antecipação à renovação da sociedade em que ela se insere, uma vez que a universidade está enraizada no *mundo da vida*. No entanto, os fenómenos gerais de socialização, de transmissão de saberes e da formação de uma vontade de integração social, através dos quais o *mundo da vida* se reproduz, são continuados no interior da universidade apenas sob as condições altamente artificiais de um processo de aprendizagem científica programado para a obtenção de conhecimentos objectivos; uma sociedade será aquilo que for a sua universidade.

4. A universidade é o centro da investigação, da inovação e da criação científica; é o lugar onde se pratica a *experiência da razão*, o livre exercício de uma razão subtraída a todas as mordidas, condição que lhe garante a atitude crítica, essencial ao seu processo de desenvolvimento; atitude que não deixa de lado nenhum saber, nem nenhum projecto; é isto que constitui a finalidade maior da universidade. Porque se consagra ao ensino de nível superior, à investigação, ao serviço da pessoa e da comunidade, a universidade não poderá exercer em plenitude a sua missão senão numa total autonomia, num espaço de liberdade assegurado. Submeter a universidade a determinados condicionamentos, isto é, colocá-la ao serviço de determinadas causas é desviá-la, necessariamente, dos seus objectivos e alterar a sua natureza.

5. Compete à universidade, numa linha de *diversificação* e de *flexibilização*, problematizar os fundamentos, através da reflexão crítica. Os conceitos, os métodos, o grau de legitimidade tudo deve ser objecto de questionamento, incluindo aí as próprias condições de possibilidade da ciência; é uma exigência de princípio que põe

em causa as perspectivas de uma exclusiva vinculação à racionalidade, constituídas em torno da ciência, para garantir a viabilidade da mesma ciência e salvar o equilíbrio da pessoa através da visão do real para além da pluralidade dos saberes particulares e dos métodos. Na verdade, a harmonia do ser será uma palavra vã sem esta reconquista da unidade, sem esta subida onde o homem, simultaneamente sujeito e objecto da ciência, encontra a totalidade da sua pessoa, liberta de todos os condicionamentos.

6. Porque a universidade resulta, essencialmente, de uma interpretação do real que envolve a natureza racional do homem, a sua acção deve pautar-se por critérios axiológicos, inseridos numa sociedade pluralista. Os valores são bens que os indivíduos encontram, mas não inventam e que, como desejáveis, se situam no cruzamento do subjectivo com o objectivo das instituições. A universidade, como instituição privilegiada de formação, deve orientar-se pelos valores, num compromisso ético permanente; compete-lhe ajudar aqueles que a integram a interpretar, de forma coerente, a existência, a situar-se eficazmente nela e a ter êxito na procura do equilíbrio, da unidade e da realização dos respectivos fins pessoais, *personalizando* e *socializando*, numa linha de respeito pelo outro, a construção de uma solidariedade responsável e o desenvolvimento de consciências críticas e de autênticas personalidades criativas. Perante o fenómeno da *globalização*, numa sociedade marcada pelas *incertezas*, onde impera o *individualismo* e a *violência* e onde é visível a *obsolescência de modelos de organização e de estruturação da vida em comum*, há que apostar na *formação* de um *novo tipo de homem*, como ser em processo de «realização cósmica», a educar não apenas «para o ser, para o conhecer, para o fazer e para viver em conjunto», mas, fundamentalmente, para o «*tornar-se*». E é aqui que a universidade católica encontra explicação para a sua razão específica de existir.

Identidade e missão da universidade católica, como projecto, no contexto da cultura contemporânea

1. A *Constituição Apostólica sobre as Universidades Católicas*, promulgada por João Paulo II, em 15 de Agosto de 1990, define, com clareza, a natureza de uma universidade católica: «Uma univer-

sidade católica, enquanto católica, inspira e realiza a sua investigação, o ensino e todas as outras actividades segundo os ideais, os princípios e os comportamentos católicos. Ela está ligada à Igreja ou através dum vínculo formal segundo a constituição e os estatutos, ou em virtude dum compromisso institucional assumido pelos seus responsáveis» (II Parte, Artigo 2, par. 2). Assim, «uma vez que o seu objectivo é assegurar, de um modo institucional, uma presença cristã no mundo da universidade, confrontando os grandes problemas da sociedade contemporânea, as suas características essenciais são as seguintes:

- 1 – uma inspiração cristã, não só dos indivíduos, mas também da Comunidade universitária enquanto tal;
- 2 – uma reflexão incessante, à luz da fé católica, sobre o tesouro crescente do conhecimento humano, ao qual procura dar um contributo mediante as próprias investigações;
- 3 – a fidelidade à mensagem cristã tal como é apresentada pela Igreja;
- 4 – o empenho institucional ao serviço do povo de Deus e da família humana no seu itinerário rumo àquele objectivo transcendente que dá significado à vida» (I Parte, 13).

Assim, todas as universidades que concretizam estas condições fundamentais são universidades católicas, canonicamente erectas ou não.

2. Deste modo, «é evidente que para além do ensino, da investigação e dos serviços comuns a todas as Universidades, uma Universidade Católica, em virtude do *empenho institucional*, traz à sua missão a inspiração e a luz da *mensagem cristã*. Numa Universidade Católica, portanto, os ideais, as atitudes e os princípios católicos impregnam e modelam as actividades universitárias de acordo com a natureza e a autonomia própria de tais actividades. Numa palavra, sendo ao mesmo tempo Universidade e Católica, ela deve ser juntamente uma comunidade de estudiosos, que representam diversos campos do conhecimento humano, e uma instituição académica, na qual o cristianismo está presente dum modo vital» (I Parte, 14). As linhas orientadoras que presidem à vida de uma universidade católica fazem dela uma instituição intrinsecamente envolvida num *projecto educativo bem determinado*.

3. Assim, tendo em vista a sua própria inspiração, uma universidade católica procura atingir objectivos muito concretos: deve ser um lugar onde os vários ramos do conhecimento humano se confrontem entre si; para esta tarefa de integração e de síntese, a universidade católica apoia-se na luz da mensagem cristã, o que envolve uma convicção profunda de que a unidade da verdade torna necessária a procura de uma síntese para determinar o papel e o significado das várias disciplinas no contexto de uma visão do homem e do mundo iluminada pelo Evangelho. Este esforço pressupõe, primeiro, uma análise crítica das bases e dos postulados epistemológicos dos métodos científicos. Só depois será possível situar cada disciplina na sua esfera e avaliar o seu significado. Neste esforço de síntese, que permanecerá sempre imperfeito, a universidade católica é chamada, especialmente, a mostrar que não há incompatibilidade entre a ciência e a fé, mas que estas são duas aproximações de uma mesma verdade, onde se encontram sem que qualquer delas perca a sua identidade específica.

4. Uma das tarefas principais de uma universidade católica, e que só ela é capaz de desempenhar adequadamente, é a de tornar a teologia, enquanto *fé reflectida*, relevante para todo o conhecimento humano e, reciprocamente, todo o conhecimento humano relevante para a teologia. Tal encontro, que exclui «concordismos» fáceis, exige o respeito de cada disciplina pelas outras e ajuda a delinear os domínios dos vários ramos do conhecimento. Por outro lado, um confronto com a filosofia e com as ciências experimentais e humanas pode ser extremamente enriquecedor para a teologia, podendo abrir novas avenidas e novas perspectivas para os diversos ramos do saber.

5. Através do ensino e da investigação nela praticados, a universidade católica é chamada a servir de testemunha de Cristo. Insistindo na importância da mensagem cristã para a comunidade humana e dando expressão a esta convicção através dos seus programas de ensino e dos seus projectos de investigação, será eloquente testemunho da verdade e dos valores presentes no Evangelho.

6. Sob um ponto de vista mais prático, uma tarefa importante da universidade católica será tornar as descobertas académicas disponíveis ao povo de Deus, em especial àqueles que têm a respon-

sabilidade de tomar decisões, quer na Igreja, quer na sociedade civil. De facto, toda a verdade, mesmo a mais abstracta, tem impacto humano e contribui necessariamente para uma visão global do homem e do mundo. Do mesmo modo, uma vez que o homem faz parte da história da salvação, que nos foi revelada por Deus, nada do que é humano está fora do âmbito da compreensão cristã da realidade.

7. Ao compreender que o seu trabalho de investigação é uma parte da história humana que, por seu turno é uma história de salvação, a universidade católica está consciente das suas obrigações especiais em contribuir para a solução dos problemas urgentes com que hoje o mundo se defronta. Porque cada uma das disciplinas escolares tem a sua metodologia própria, existe tendência para se isolarem umas das outras. Este isolamento pode ser superado pela sua centração em problemas cruciais que afectam toda a humanidade; o esforço para encontrar uma solução para eles requer uma aproximação interdisciplinar. Compete à universidade católica adicionar a inspiração cristã que lhes é própria a esse esforço de investigação onde as diversas disciplinas se encontram, dando cada uma a sua contribuição específica para a solução dos problemas mais complexos.

8. A investigação interdisciplinar, numa universidade católica, deve estar organizada de modo a evitar uma duplicação desnecessária de esforços; na medida do possível, deverá ser situada em projectos bem definidos e operacionalizáveis, dirigidos para resultados de valor académico e úteis quer à Igreja, quer à comunidade. Serão privilegiados os projectos de investigação que contribuam para a promoção de um diálogo entre as ciências religiosas e a cultura; o princípio orientador deste diálogo é o de que não existe uma aproximação única da realidade, devendo, por isso, ser utilizados os métodos adequados à sua captação e aceitar os resultados trazidos pelos diversos ramos do saber.

9. Acresce ainda uma razão para a universidade católica ser especialmente chamada a dirigir a sua atenção para os problemas contemporâneos. Devido ao seu compromisso institucional ao serviço de toda a família humana, a universidade católica deve estar especialmente preocupada em examinar, sob um ponto de vista cristão, os valores e as normas predominantes na sociedade

moderna; tentará, assim, responder aos apelos urgentes daqueles que clamam por valores e por ideias capazes de dar significado às suas vidas. Uma universidade católica deve ter em atenção as necessidades das nações em vias de desenvolvimento e as tensões presentes num mundo novo que se sente emergir. Trabalhará para a promoção dos valores culturais da sociedade de que faz parte, dando especial atenção aos problemas considerados de maior interesse para a fé, para a vida moral e para o dinamismo da Igreja no mundo contemporâneo.

10. O aprofundamento da mensagem cristã por parte de homens situados nas preocupações e nos problemas do pensamento contemporâneo e, ao mesmo, tempo informados pelas fontes da doutrina cristã e atentos às lições da história, deverá permitir à universidade católica dar um importante contributo à criação de uma autêntica linguagem de fé adequada ao tempo presente. Os projectos de investigação, a implementar nas universidades católicas deverão ser um auxílio precioso para a Igreja, fornecendo aos seus «líderes» uma base científica de qualidade para a tomada de decisões relativas à vida pastoral inserida no mundo em que vivemos; por isso, os responsáveis pelo planeamento da investigação, na universidade, deverão manter uma estreita colaboração com os responsáveis da pastoral, na Igreja.

11. Na sua tarefa de preparar «líderes», tanto para a sociedade civil como para a Igreja, uma universidade católica é chamada a dar não só preparação científica e profissional, mas também educação ética, baseada nos imperativos e nos princípios do Evangelho. Contribuirá, deste modo, para a formação de profissionais qualificados e competentes, responsáveis, mais tarde, pelo desenvolvimento dos sectores mais importantes da sociedade pluralista em que vivemos, contribuindo em especial para a instauração de uma prática de justiça social e para a abolição de tudo aquilo que traz sofrimento e angústia ao homem e à sociedade (desde os fanatismos aos fundamentalismos). Tornar-se-á, assim, num motor importante de progresso, verdadeiramente humano e não apenas material.

12. Uma *comunidade universitária*, marcada por uma atmosfera católica, oferecerá aos seus alunos um ambiente propício à

sua realização integral. Em tal comunidade, alunos e professores viverão num clima de confiança mútua, em pleno respeito pela vida intelectual, pela investigação e, ao mesmo tempo, pelos valores religiosos; construirão a experiência de uma comunidade aberta e receptiva à verdade: uma comunidade que procura integrar todo o conhecimento humano numa visão do mundo cujas linhas são traçadas pela fé e pela razão, em permanente diálogo. O processo educativo, enquanto processo de busca de um *sentido para a existência*, é realizado não só pelas actividades académicas, mas também pela vida e pela «práxis» comunitária; o valor educativo da vida comunitária depende do modo como os indivíduos se aceitam a si mesmos e se abrem uns aos outros, respeitando-se mutuamente; é este respeito que governa as relações entre os vários membros da comunidade: professores, administradores, funcionários e alunos. Este espírito de comunidade, essencial numa universidade católica, cimentar-se-á através do estabelecimento de redes de comunicação abertas a todos e pela aceitação de todos a quem é dada a oportunidade permanente de contribuírem, de acordo com o seu desempenho institucional e as suas capacidades pessoais, para a realização do projecto da universidade; porque *os outros* constituem a realidade onde *o eu* emerge, a capacidade de integração das diferenças responde a uma exigência fundamental da razão: a da abertura ao universal, condição do desenvolvimento da personalidade individual; a influência humana da universidade dependerá da vitalidade da sua vida comunitária.

13. Sendo comunidades marcadas por um espírito de universalidade, compete às universidades católicas contribuir para a promoção do ecumenismo cristão através do diálogo com outras religiões e com os não crentes, instituindo uma atmosfera favorável ao seu sucesso; este diálogo, franco e aberto, contribuirá para eliminar desentendimentos e por colocar em evidência ideias e valores comumente partilhados, bem como o significado e a importância da mensagem cristã para os homens de hoje. Quando as universidades católicas estiverem localizadas em países cujas culturas foram profundamente influenciadas por religiões não cristãs, as universidades católicas deverão, aí, ser centros activos de diálogo religioso e cultural. Terão uma oportunidade única para ajudar a criar uma «linguagem» através da qual a mensagem cristã se torne inteligível para aqueles que se situam noutras tradições religiosas.

14. A universidade católica, como instituição de nível superior, vocacionada para a investigação e para a descoberta de novos conhecimentos e de novas perspectivas do saber, fará todo o esforço ao seu alcance para encorajar uma *educação* e uma *formação contínua* destinada a ajudar a assimilação dos conhecimentos adquiridos. Preocupar-se-á igualmente com o fornecimento de oportunidades àqueles que, estando fora da universidade, possam beneficiar da sabedoria por ela descoberta, *ao longo de toda a sua vida*; a universidade deve, inclusive, ajudar aqueles que, não tendo um passado universitário, desejem partilhar da herança cultural do homem e participar na construção e no desenvolvimento da vida humana. Um objectivo da formação contínua é o de alargar as possibilidades de intervenção e de ajuda de formação em áreas estratégicas da cultura do nosso tempo (educação familiar, educação ambiental, educação para a saúde, formação para a cidadania, etc.). Uma universidade, consciente do seu papel social único, como é uma universidade católica, utilizará, criativa e pragmaticamente, os novos métodos e as novas técnicas de informação e de comunicação (inclusive, à distância), de modo a atingir o maior impacto possível no processo de formação contínua; ocupam, aqui, um lugar de relevo os projectos editoriais.

15. Os objectivos que a universidade católica persegue foram resumidos pelo Papa Paulo VI na mensagem que dirigiu aos responsáveis da Federação Internacional das Universidades Católicas (FIUC), por ocasião do seu encontro, em 1971, em Roma: «Mesmo na sua investigação, uma universidade católica deverá, em primeiro lugar, mostrar esse profundo respeito que a Igreja tem pela cultura. Nos seus estudos e no seu ensino deve estar constantemente à procura da verdade, do bem e do belo, no domínio da ciência, da literatura, da arte ou da filosofia, com o método apropriado para cada uma. Nesta busca, não deve ser desviada por qualquer sistema *a priori*, que poria em risco essa análise e essa síntese genuínas de que a humanidade tem tanta falta».

16. A cultura é um estímulo para o crente, uma vez que integra, no seu seio, a presença da obra do Criador, da Sua sabedoria espalhada nos seres criados e no coração dos homens (cf. *Gaudium et Spes*, 57). Além desta contemplação, a cultura contribui para o desenvolvimento do homem, para a sua superioridade face às forças da Natureza, para o seu progresso social. Finalmente, pela

iniciação do homem num conhecimento mais amplo da verdade natural, abre caminho a um encontro frutífero com a verdade revelada; e o crente não pode deixar de procurar uma síntese equilibrada entre estes dois domínios da verdade. O Concílio Vaticano II lembrou explicitamente a contribuição que as universidades católicas prestam neste esforço «para tornar mais profundamente compreendido como a fé e a razão dão testemunho harmonioso para a unidade de toda a verdade» (*Gravissimum Educationis*, 10). A missão das universidades católicas é completada também através da educação e da formação cultural que oferecem aos seus alunos, que irão aprender como é que uma vida intelectual pode ser vivida segundo um modelo cristão; serão desafiados, na sua liberdade, pelas propostas da fé e iniciados na experiência de uma cooperação activa interpessoal. Nesta atmosfera, será praticado o testemunho de uma fé profunda e viva. São homens assim que as universidades católicas deverão formar, no pleno respeito da liberdade, da identidade e da autonomia de cada um, através da apresentação e da proposta da mensagem do Evangelho, proposta cada vez mais urgente num mundo novo a construir. Uma universidade católica distingue-se das outras não pelas «matérias» que ensina, mas *pelo modo como o faz*, pela pedagogia que pratica (pedagogia do coração e do espírito) projectada para a emergência dos valores humanistas que impregnarão todo o processo científico.

Conclusão

1. A importância da universidade reside no facto de ela ser, por essência, o cérebro da sociedade; ela existe, na verdade, para estimular e para desenvolver a reflexão e o pensamento, a investigação, a criatividade e o diálogo cultural. É o espaço natural do conhecimento, realidade que se está a tornar na verdadeira riqueza das nações e o motor da economia e da política mundial. A universidade surge como uma exigência de conhecer e de orientar a evolução do homem e da sociedade; o sentido do «trabalho universitário» não pode ser o de criar homens produtivos que fazem algo de útil, voltados para o «ter-mais»; o «trabalho universitário» tem sentido se responde ao dinamismo evolutivo dirigido para o «ser-mais». À universidade católica estão colocados, hoje, imensos desafios e, ao mesmo tempo, uma série de oportunidades de desenvolvimento e de crescimento consideráveis; enquanto católica, a

universidade valoriza o conhecimento (todo o conhecimento e toda a ciência), crê e espera no futuro. No processo de resistência a uma *concepção de homem*, visto apenas pelas exigências de confronto e de subalternização da sua unidade, assume lugar de relevo a posição da universidade católica; cabe-lhe, na parte do conhecimento racional, o exercício da viabilidade unitária da construção da verdade, perfilhando o princípio de que só é verdadeiramente válida a comunicação estabelecida a partir do homem na sua expressão mais elevada, de pessoa consciente, na sua forma de ser, assente nos fundamentos ontológicos e na responsabilidade, expressa na universalidade do saber bem como nos valores que essa universalidade implica.

2. Reduzindo o papel educativo da ciência, na sociedade, à aprendizagem, incorre-se, hoje, numa ilusão de óptica; na verdade, nas ciências modernas, o acento não é colocado na aquisição, mas na legitimação do saber, reconhecendo o seu carácter constitutivo; mas, acentuando o carácter constitutivo da ciência, estabelecem-se cortes entre a sociedade e a ciência. Porque a ciência não é um fim em si mesmo, a racionalidade científica exige, para ser coerente, uma *reflexão* que acesse a sua própria estrutura; é na ruptura (de uma cultura estática situada em torno de um *conceito de homem* limitado), radicalizada pela reflexão, que se devem situar o ensino universitário e a investigação universitária a qual deve ser confrontada com os desafios da sociedade, com as escolhas éticas com que depara esta sociedade e através das quais ela se orienta; a universidade torna-se, então, no espaço e no tempo que a sociedade concede a si mesma para reflectir sobre si. O objectivo fundamental de uma universidade católica consiste na apresentação de *uma reflexão sobre o conhecimento à luz da fé*; embora o homem seja o agente do progresso da ciência, está longe de ser o agente do seu próprio destino; é por isso que procura formas de conhecimento, de expressão e de acção para aí se reencontrar e assumir as coordenadas da sua realização existencial. Assim, o essencial da educação numa universidade católica passa necessariamente por uma aposta sobre o homem, sobre as suas potencialidades e sobre a necessidade do seu *desenvolvimento integral*. Deparamos, então com duas ordens de formação: a educação da personalidade, em primeiro lugar, com a finalidade de a abrir à aventura do espírito — a sua aventura científica, filosófica, estética, teológica; depois, a formação do homem na sua especificidade étnica, cultural, religiosa, enquadrando-o na

sua grandeza e nos seus limites, a fim de se sentir implicado e sobretudo capaz de assumir o seu destino, simultaneamente individual e colectivo. A universidade católica deve, por isso, romper com uma tradição fiel a uma sociedade de equilíbrio para preparar os seus alunos para uma sociedade em mudança, para uma mutação de valores, assumindo aí uma parte activa e responsável.

3. Uma cultura da autonomia e da responsabilidade são fundamentais na preparação de qualquer profissional; hoje em dia, a sociedade requer, cada vez mais, uma preparação qualificada para o exercício dos papéis sociais; a universidade católica não pode confinar-se unicamente à cultura geral, à cultura elitista tal como a entendiam os intelectuais alemães do século passado. Implantada numa dada sociedade, compete-lhe assumir, o mais amplamente possível, um papel motor do desenvolvimento económico e social, participando no progresso tecnológico, no duplo plano da investigação e da sua aplicação; forma, em simultâneo, o homem e o técnico (o que exige a construção de uma universidade ágil, pluralista e dinâmica, dotada de amplos recursos tecnológicos); só assim a sua missão será fecunda e só assim será desenvolvido um processo de democratização, sem dissociar a formação para o exercício profissional e o desenvolvimento da pessoa.

4. A universidade católica deve, doravante, assumir o seu papel de *refúgio intelectual*, onde os homens do trabalho, em dificuldade, possam aceder, sem dificuldade e sem discriminação, encontrando aí o calor do acolhimento e as estruturas de aperfeiçoamento requeridas. A participação da universidade católica na dinâmica social, através do processo de uma formação equilibrada, requer o desenvolvimento da investigação; uma universidade onde a pesquisa solitária ilustra, por vezes, certos cursos, torna-se marginal em relação à sociedade em que se integra. Uma universidade católica deve ser uma unidade viva de organismos voltados para a busca da verdade resultante de um diálogo que se abre a uma visão integrada do real apoiado num debate da razão aplicada; compete-lhe exercer um papel relevante frente aos sistemas económicos, formando profissionais para uma sociedade do *conhecimento* e da *informação*; na verdade, a sociedade tecnológica em que vivemos, fruto de um racionalismo prático, coloca diversas questões inquietantes: uma produção industrial que esgota os recursos vitais da Natureza, uma poluição letal difícil de eliminar, catástrofes

nucleares geradoras de horrores e de angústias, uma sociedade de consumo, insaciável e materialista, perpassada por injustiças gritantes, uma parte significativa da humanidade que morre de doença e de fome. São os efeitos, para a nossa sociedade, de um racionalismo gerador de profundos sentimentos de culpabilidade, suscitados pela exploração selvagem dos recursos da Natureza e pelo espectro ameaçador das manipulações genéticas. Perante esta crise da civilização e a manifesta objectivação da pessoa humana, compete à universidade católica desmistificar os valores apreendidos pelos «vendilhões do templo» e dissecar, até aos limites do racional, as ilusões do racionalismo. Por outras palavras, defensora da absoluteidade dos valores que impregnam a sua acção, a universidade católica deve orientar-se para o desvelamento da verdade e comprometer a reflexão no caminho da fé; é através destes vectores que se consolida uma relação estreita entre investigação e ensino e que a sua pedagogia se constituirá como pedagogia do espírito, portadora de propostas de liberdade enquanto estrutura onde emerge a responsabilidade.

5. Para que uma comunidade universitária, feita de associações de sentimentos e de atitudes heterogéneas, possa tecer relações fortes, deve repousar num sistema de valores favoráveis à coesão do grupo, tais como a vontade de aumento de conhecimento, um enriquecimento intelectual recíproco, uma cooperação sincera nas trocas interdisciplinares e a aceitação de uma ética fundada no respeito mútuo. Em suma, para que uma universidade se constitua comunidade é preciso que se enquadre num sistema de interdependência confiante e segura; por outro lado, constituir uma comunidade universitária, no seu conjunto, como família espiritual, é favorecer e estimular todas as responsabilidades, desenvolver a criatividade, a confrontação crítica e a discussão racional, a abertura a todas as variedades da experiência e o dom de si num diálogo cultural onde a comunicação das consciências abre caminho à aceitação do outro, isto é, a um humanismo cristão autêntico.

6. Requer-se, para uma universidade católica, no nosso tempo, uma administração simultaneamente firme e acolhedora, onde homens da Igreja, ocupando postos-chave, para garantir a sua identidade e o seu espírito, constituam, para todos os membros da comunidade, professores, alunos e funcionários, *uma referência e um modelo*. Numa universidade católica exige-se a presença,

colaborante e disponível, de um corpo docente, meticulosamente escolhido, adequada e continuamente formado, através da prática institucionalizada de uma *actualizada pedagogia universitária*, possuidor de *ciência* e de *consciência*, aberto aos valores do espírito, capaz do dom de si, sem o qual o ensino fica sem amor e sem alma. Só assim a universidade católica poderá afirmar-se e erigir-se em consciência intelectual no meio cultural em que está inserida.

7. Por fim, a Igreja e o Mundo necessitam da universidade católica: a Igreja, porque ela lhe traz os grandes conhecimentos e os grandes problemas e inquietações da sociedade e da cultura («graças aos resultados das investigações científicas por ela colocados à disposição, a Universidade Católica poderá ajudar a Igreja a responder aos problemas e às exigências do tempo»- *Constituição*, I Parte, 31); o Mundo, porque a universidade católica lhe traz a luz do Evangelho, a experiência cultural da Igreja, a sua esperançada visão do futuro e a sua visão universalista do homem, através das quais procura ser transformadora da realidade social («ela é solicitada... a ser instrumento cada vez mais eficaz de progresso cultural quer para os indivíduos, quer para a sociedade» – *Constituição*, I Parte, 32); na verdade, a Igreja tem um passado cultural que ela própria valoriza em função do futuro, na medida em que valoriza todas as coisas numa dimensão de futuro, uma vez que se reconhece em peregrinação para o futuro que lhe foi prometido. É nesta linha que, por identidade própria, atenta à instauração de um espírito de solidariedade mundial, a universidade católica está incumbida de *humanizar o homem*, exercendo o papel de *educadora da sociedade*, no tempo presente, sendo esta a sua missão essencial.

CASSIANO REIMÃO